

Ano 11, Vol XXII, Número 2, jul-dez, 2018, Pág. 328-349.

MAPEAMENTO DO ATENDIMENTO PARA ADOLESCENTES EM SITUAÇÃO DE EXPLORAÇÃO SEXUAL: ESTUDOS INTRODUTÓRIOS NA CIDADE DE MANAUS.

Consuelena Lopes Leitão

Resumo: O presente artigo é parte inicial de uma pesquisa de doutorado realizada na Cidade de Manaus – AM que se propôs a realizar uma aproximação da realidade das jovens que vivenciam o fenômeno da exploração sexual nesta cidade, procurou-se destacar os argumentos introdutórios que fornecem base para a elaboração da hipótese de que a rede de proteção e a rede de exploração de crianças e adolescentes partem de lógicas próprias e se diferenciam no funcionamento, e que a rede de exploração está muito mais próxima da realidade das jovens, do que a rede de proteção. A partir de minhas experiências como psicóloga são apontados os principais equipamentos de atendimento a casos de violência sexual na cidade de Manaus e de outros equipamentos que compõem a rede de proteção, além dos fluxogramas da rede de proteção e rede de exploração sexual. Por último, apresenta-se a metodologia e o referencial teórico, utilizados nesse exercício etnográfico que envolveu a junção da psicologia e da antropologia neste estudo.

Palavras-Chaves: Exploração sexual, violência, rede de proteção.

Abstract: This article is an initial part of a doctoral research carried out in the city of Manaus - AM, which aimed to bring the reality of the young women experiencing the phenomenon of sexual exploitation in this city, to highlight the introductory arguments that provide a basis for the elaboration of the hypothesis that the network of protection and the network of exploitation of children and adolescents start from their own logics and differ in their functioning and that the network of exploitation is much closer to the reality of the young than the protection network. From my experiences as a psychologist are pointed out the main equipment for attending to cases of sexual violence in the city of Manaus and other equipment that make up the protection network, in addition to the flowcharts of the protection network and sexual exploitation network. Finally, we present the methodology and theoretical framework used in this ethnographic exercise that involved the combination of psychology and anthropology in this study.

Key words: Sexual exploitation, violence, protection network.

Introdução

No campo da antropologia, alguns etnógrafos acreditam que basta que se deixem afetar pelas mesmas forças que afetam os demais, para que a relação que envolve uma comunicação muito mais complexa que a simples troca verbal ocorra (Favret-Saada, 1977 & Goldman, 2005). Não se trata de uma apreensão emocional ou cognitiva do afeto dos outros, mas da possibilidade de ser afetado por algo que afete outrem para estabelecer com essa certa modalidade de relação.

O presente estudo é resultado de minhas experiências enquanto psicóloga, que trabalhou em vários pontos da rede de proteção de crianças e

adolescentes, na cidade de Manaus, no estado do Amazonas. Foi em meio à rotina de atendimento a crianças e adolescentes, à convivência prolongada com algumas delas e, conseqüentemente, ao acesso a diferentes histórias de vida, que me senti afetada pelas experiências de violência sexual.

As histórias de violência são muito comuns na vida cotidiana, entretanto, passam, algumas vezes, despercebidas ou são tratadas com indiferença dentro dos padrões socialmente estabelecidos que são, certamente, um dos fatores responsáveis por essa invisibilidade.

No início de minha trajetória profissional, no trato com a violência sexual de crianças e adolescentes, deparei diversas vezes com essa indiferença no campo de atuação, mas acreditava que as técnicas, teorias e experiências adquiridas por mim até aquele momento, somadas a certa dose de sensibilidade, eram suficientes para realizar atendimentos efetivos a casos relacionados à violência sexual. Somente a partir de algumas experiências peculiares, percebi que outros recursos adicionais seriam necessários para compreender essa realidade.

Deste modo este artigo destaca o processo de incursão em campo; os conceitos de rede de proteção e rede de exploração e o o fluxo dessas redes em que as jovens de exploração sexual transitam.

Nesta pesquisa de campo são apontados os principais equipamentos de atendimento a casos de violência sexual na cidade de Manaus e de outros equipamentos que compõem a rede de proteção, onde a pesquisa teve seu início a partir de minhas experiências como psicóloga.

Por último apresenta-se a metodologia utilizada nesse exercício etnográfico, com tentativas no campo que envolveram a junção entre a psicologia e a antropologia, com uma imersão em um referencial teórico antropológico em que se pratica o exercício de reflexividade tanto na pesquisa de campo como no âmbito teórico.

1. Incursão no campo de pesquisa: casos, acasos e possibilidades

Inicialmente, nas primeiras experiências de vida acadêmica, a questão da violência sexual ocupava um papel secundário nos cenários de atendimento psicológico. Meus interesses até ali não se voltavam para o campo da infância e adolescência como objeto específico. Cheguei a afirmar em alguns momentos que jamais trabalharia com

esse grupo. Porém no ano 1999, no estágio supervisionado em Psicopatologia, atendi o primeiro caso de violência sexual no Serviço de Psicologia Aplicada – SPA, Clínica Escola, da Universidade Luterana do Brasil – ULBRA. O caso foi muito polêmico e mobilizou a rede de atendimento e a opinião geral, assim, iniciavam-se meus primeiros passos em direção a esse objeto de estudo. Posteriormente, ainda na graduação, atuei em outros estágios e um deles inseriu em minha trajetória a experiência no abrigo Moacyr Alves, que acolhia crianças em situação de vulnerabilidade e risco social, e durante a experiência que tive nesse lugar me deparava constantemente com meninas em situação de rua e exploração sexual, na época, considerada em segundo plano nos atendimentos, como prostituição infantil.

Nesse período ainda não se falava em rede de atendimento ou rede de proteção como se entende atualmente. Em 2006, minha trajetória se definiu com a minha incursão como psicóloga no Programa Sentinela, que oferecia um conjunto de procedimentos técnicos especializados para atendimento e proteção imediata a crianças e adolescentes vítimas de abuso ou exploração sexual, que incluíam seus familiares. Esse programa foi implantado em 2001, dentro do programa de ação da Secretaria Municipal de Assistência Social da Prefeitura de Manaus - SEMAS.

Ali, tive os primeiros contatos com o que se configura como rede de proteção¹, rede de exploração² e fluxograma da rede de proteção³. As figuras abaixo materializam essa questão.

O fluxograma da rede de exploração⁴ também é descrito nesse processo. O primeiro é relativo à rede de proteção conforme figura 1. Do lado esquerdo estão as portas de entrada que é o lugar por onde as crianças, adolescentes e suas famílias, geralmente iniciam o atendimento e dentre elas localiza-se: o Disque denúncia, a

¹É uma ação integrada entre instituições para atender crianças e adolescentes em situação de risco pessoal: sob ameaça e violação de direitos por abandono, violência física, psicológica ou sexual, exploração sexual comercial, situação de rua, de trabalho infantil e outras formas de submissão que provocam danos, agravos físicos e emocionais. (FALEIROS, 1998)

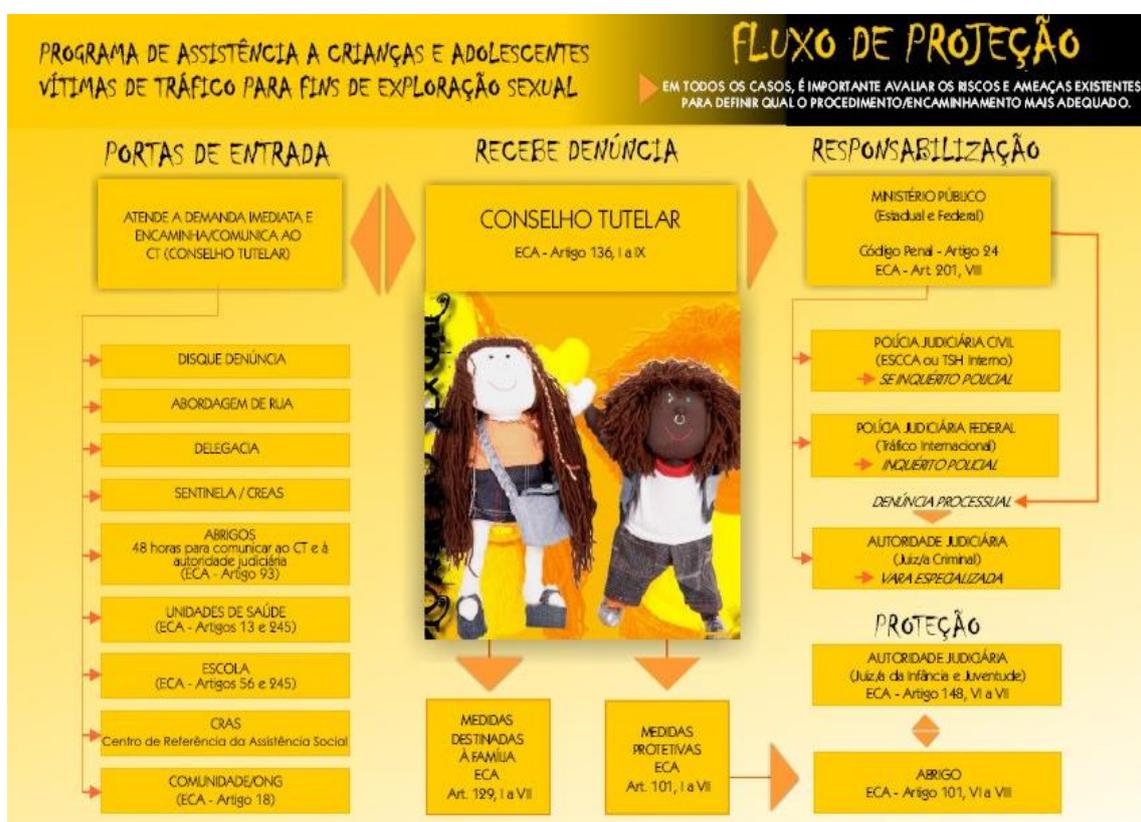
²Rede que se articula de acordo com a economia predominante no território, por exemplo, com o turismo sexual, os garimpos, a circulação de caminhoneiros, trânsito de fronteiras, a construção de novas cidades. Ela também se diversifica de acordo com o mercado de usuários/clientes, formando redes de luxo para altos executivos, empresários ou políticos e redes para camadas de média ou baixa renda. Nesse caso estão os bares noturnos com quarto anexo no qual as crianças trabalham servindo mesas ou vendendo flores e são também exploradas sexualmente. (FALEIROS, 1998)

³É a representação gráfica do fluxo de trabalho desenvolvido pelas instituições para o atendimento a crianças e adolescentes que estão sob risco social ou que passaram por violação de direito. (conceito elaborado pela autora com base na pesquisa de campo)

⁴Representações gráficas do fluxo dos pontos materiais e virtuais dos quais crianças e adolescentes em situação de abuso e exploração sexual se relacionam e transitam nas redes. Esses pontos, da rede de exploração sexual e da rede de proteção de crianças e adolescentes, podem efetivar respectivamente a violação e restituição de direito desses agentes. (conceito elaborado pela autora com base na pesquisa de campo)

delegacia de polícia, o CREAS, abrigos, unidades de saúde, escolas, CRAS, ONGs e comunidades. Do lado esquerdo estão os órgãos de responsabilização: a Polícia militar e civil, a vara especializada, e quando há necessidade o ministério público, os abrigo e autoridades judiciais também são acionados no processo. O conselho tutelar possui uma responsabilidade ímpar, pois recebe grande parte das denúncias. Nesse processo, devem ser asseguradas as medidas de proteção à família e as medidas do Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA.

Figura 1 – Exemplo de fluxograma da rede de Proteção



Fonte: Ministério do Desenvolvimento Social.

Na figura 2, também situado do lado esquerdo do fluxograma, estão as principais portas de entrada para exploração sexual, que se materializam dentro das comunidades: bares, escolas, ruas, feiras, agência de modelo, escolas e orlas. Os atores, mencionados na pesquisa como agenciadores, envolvem vendedores ambulantes, policiais, agentes de turismo, empresários, familiares, vendedores de cosméticos, de produtos de beleza e roupas, donos de comércio e trabalhadores de barcos que transportam passageiros nos rios que ligam os municípios do Amazonas. O contato

entre as jovens e os atores da rede de exploração sexual de crianças e adolescentes se fortalece a cada dia, através dos meios eletrônicos e de comunicação. Descrevendo o fluxograma, os pontos de encontro ficam localizados ao centro do fluxo, que frequentemente são as praças, os estacionamento de shoppings, as orlas, as festas regionais, residências, bares, restaurantes e nas margens das ruas. Os locais onde a exploração sexual acontece (onde ocorre o contato sexual) estão no lado direito da figura: hotéis, motéis, pousadas, barcos, feiras, orlas e praias, pontos de venda de drogas, propriedades privadas e dentro de automóveis. Importa ressaltar, que no fluxograma, são destacadas, as principais portas de entrada, mas essa rede é bem mais fluida e flexível que a rede de proteção, pois as jovens podem entrar por qualquer ponto. Uma ligação telefônica, por exemplo, pode dar acesso a essa rede.

Figura 2- Fluxograma da Rede de exploração sexual



Fonte: Fluxograma elaborado pela autora com base na pesquisa de campo em pontos onde foram encontradas situações de exploração sexual na cidade de Manaus.

Nos fluxos indicados nas figuras 1 e 2, aparecem principalmente os equipamentos da rede de proteção e os pontos da rede de exploração que também se evidenciam nos relatos das jovens e dos demais atores da pesquisa.

Na rede de exploração ocorre uma maior mobilidade e flexibilidade de papéis e espaços, o que faz com que essa rede se aproxime, de maneira muito mais incisiva, da realidade das meninas.

A rede de proteção, por sua vez, apresenta papéis mais definidos, por ser oficializada, receber recursos públicos e funcionar dentro de uma lógica já conhecida através do Plano Nacional de Enfrentamento a Violência Sexual de Crianças e Adolescentes e do Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA. Esta rede está assentada em preceitos jurídicos e legais, além de possuir princípios de funcionamento pertinentes a duas grandes políticas públicas: Sistema Único de Saúde –SUS e Sistema Único de Assistência Social – SUAS.

Em Manaus, as primeiras ações começaram entre os anos de 2001 e 2006 com o Programa Sentinela, que foi o primeiro programa com atendimento sistematizado, e no período de funcionamento descrito acima, já havia registrado aproximadamente 1500 atendimentos de abuso e mais de 600 atendimentos de exploração sexual.

2. Os equipamentos da rede de proteção

A seguir, serão detalhadas algumas informações sobre o histórico e sobre alguns equipamentos da rede de proteção, dos quais partem os casos de violência sexual que foram e permanecem sendo atendidos na cidade de Manaus. Importa ressaltar que esse histórico cita informações e iniciativas nacionais, que iniciaram fora de Manaus. Busca-se, aqui, situar a construção local e regional no campo das construções das políticas nacionais e de perceber como essas ações nacionais influenciam e se relacionam com as construções locais, que serão mais detalhadas no terceiro capítulo desse estudo. Dentre elas aparece o antigo Programa Sentinela, transformado posteriormente em Centro de Referência Especializado de Assistência Social – CREAS, Casa Mamãe Margarida, Projeto Vira Vida, Serviço de Atendimento a Vítimas de Violência Sexual – SAVVIS, Moura Tapajós, SAVVIS – Dona Lindu e SAVVIS – Policlínica Antônio Reis. Esses serviços serão descritos a seguir.

2.1 História e definição do Programa Sentinela

A partir da ideia de visibilidade e por intermédio de denúncias públicas, de campanhas e para cumprir com o compromisso político assumido pelo governo brasileiro no I Congresso Mundial, sobre exploração sexual de crianças e adolescentes, em Estocolmo no ano de 1996, de construir políticas públicas que garantissem os direitos de crianças e adolescentes em situação de risco pessoal e social foi elaborado o Plano Nacional de Enfrentamento da Violência Sexual Infanto-Juvenil, em 2000, momento que marcou a articulação nacional entre as organizações públicas, privadas e sociais no Brasil. O Processo foi fomentado pelos representantes do Grupo ECPAT⁵ Brasil, que previamente sistematizou as ações desenvolvidas no país sobre a problemática, em documento entregue ao Governo Federal, através do Departamento da Criança e do Adolescente, do Ministério da Justiça, responsável pela publicação do referido Plano.

A prioridade estabelecida pelo governo brasileiro em cumprir o Plano Nacional, na sua linha de atendimento resultou, em 2000, na implantação do Programa Sentinela, dentro do âmbito da política da assistência social, programa coordenado pela Secretaria de Estado da Assistência Social – SEAS, cujas ações seriam desenvolvidas pelos Centros de Referência Especializados de Assistência Social – CREAS e dos serviços de Famílias Acolhedoras⁶, enquanto programa público de alcance nacional. Essa nova etapa de trabalho inaugura uma prática nos serviços públicos de atendimento às crianças e adolescentes vitimados pela violência.

O Programa Sentinela foi implantado em mais de 200 municípios do país, escolhidos a partir de critérios como: locais que tinham registros comprovados com situações de violência contra crianças e adolescentes, e em que estivessem implantados os Conselhos Tutelares⁷.

⁵End Child Prostitution, Child Pornography and Trafficking of Children for Sexual Purposes. Rede ECPAT é uma coalizão de organizações nacionais e internacionais que fazem parte da sociedade civil que trabalha para a eliminação da exploração sexual de crianças e adolescentes, compreendendo as suas quatro dimensões: prostituição, pornografia, tráfico e turismo para fins de exploração sexual. (ECPAT, 2006)

⁶ Serviço previsto no art. 101 da Lei 8.069, de 13 de junho de 1990 (ECA), que organiza o acolhimento, em residências de famílias cadastradas, de crianças e adolescentes afastados do convívio familiar por meio de medida protetora. Serviço de acolhimento provisório, até que seja viabilizada uma solução de caráter permanente para a criança ou adolescente – reintegração familiar ou, excepcionalmente, adoção.

⁷O Conselho Tutelar é órgão previsto no art. 131, da Lei n.º 8.069, de 13 de julho de 1990 (ECA), que o instituiu como "órgão autônomo, não jurisdicional, encarregado de zelar pelo cumprimento dos direitos da criança e do adolescente". Tem como finalidade precípua zelar para que as crianças e os adolescentes tenham acesso efetivo aos seus direitos, ou seja, sua finalidade é zelar, é ter um encargo social para fiscalizar se a família, a comunidade, a sociedade em geral e o Poder Público estão assegurando com absoluta prioridade a efetivação dos direitos das crianças e dos adolescentes, cobrando de todos esses que cumpram com o Estatuto e com a Constituição Federal. Em cada município brasileiro deve ter pelo menos um Conselho Tutelar, instituído por lei municipal, composto de cinco membros e escolhido pela comunidade local com mandato de três anos, sendo permitida uma recondução.

O referido Programa destinou-se, portanto, a cumprir as linhas de ação da política de atendimento, estabelecidas no art. 86, do Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA, através da integração operacional e das diretrizes do atendimento especializado que deram retaguarda às atribuições dos Conselhos Tutelares.

Por ser um programa inovador para época, passou a ser implantado em diversas regiões do Brasil, nas quais se constatava, ainda, o predomínio de culturas institucionais assistencialistas e muitas vezes discriminatórias. Houve a necessidade de se construir um Guia Técnico⁸ para unificar as atividades desenvolvidas pelo Sentinela.

Em Manaus, o Sentinela é criado em 2001, nas dependências da Central de Resgate Social⁹. Após sua institucionalização inicial, em 2002, é inaugurada uma sede própria do serviço, na Av. Darcy Vargas. Em 2003, ocorre o incremento da equipe técnica e administrativa e a transferência das atividades do Programa para o Centro Integrado de Apoio a Criança e ao Adolescente – CIACA, Zona Sul, no bairro de Petrópolis. Ainda em 2003, as atividades do Programa são transferidas para as dependências da Casa de Apoio Social III (Central de Resgate Social), na Rua 10 de Julho. Em 2005, recebe o nome de Centro de Referência Cynthia Magalhães, em homenagem póstuma a uma criança vítima de violência sexual no município de Manaus e passa a funcionar no Bairro Nossa Senhora das Graças. Passaram por esse Programa as mais variadas composições de equipes técnicas, dentre elas, profissionais da área de serviço social, psicologia, direito, educadores sociais e técnicos de enfermagem. Nesse processo, já ocorria rotatividade de profissionais em função desses não serem concursados, fato que perdura até hoje no Centro de Referência Especializado de Assistência Social – CREAS, que substituiu o Sentinela, ampliando o tipo de serviço. Essa situação ocorre principalmente nos CREAS dos municípios do Amazonas.

Importa ressaltar que, segundo os profissionais da rede local e nacional, essa rotatividade e a ampliação dos serviços comprometem a qualidade do atendimento. “A rotatividade prejudica a continuidade de ações e a capacitação continuada desses

⁸Guia técnico de orientação e capacitação de profissionais que atuavam no Programa Sentinela, no atendimento a vítimas de violência sexual. (BRASIL, 2001, p.1)

⁹Atualmente transformado em Serviço de Acolhimento Institucional de Crianças e adolescentes -SAICA, situado no Bairro da compensa. Serviço de acolhimento temporário pelo prazo de 72 horas. Este serviço desempenha papel de acolher crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social. E dentre estes aparecem muitos casos de violência sexual que esta instituição faz o acompanhamento. Atualmente este serviço se constitui como Serviço de Acolhimento Institucional de Crianças e Adolescentes – SAICA que também é responsável pela abordagem social de rua, conforme primeiro caso descrito na introdução deste estudo.

profissionais” (M.G.O – Rede de proteção). “A ampliação do serviço, que passa a atender não somente criança e adolescentes com direitos violados, mas outras violações de direito (violência contra idoso, medida sócio-educativa), quase sempre realizada por apenas uma equipe profissional para toda essa demanda, tira o foco da criança e do adolescente como prioridade absoluta”. (A.C. – Rede de Proteção)

2.2 História e definição do Centro de Referência Especializado de Assistência Social- CREAS

Como a caracterização do Programa Sentinela necessitava de uma iniciativa periódica do Governo Federal para sua continuidade, o que deixava as ações de atendimento vulneráveis, em 2005, esse programa vira política pública e passa a atender a outras demandas de vulnerabilidade. Iniciam-se as implantações de Centros de Referência Especializados de Assistência Social - CREAS, em todo o Brasil. Em Manaus, o primeiro CREAS é inaugurado em setembro de 2009, no Bairro Nossa Senhora das Graças, Zona Centro Sul de Manaus. Esse Centro passa a oferecer um conjunto de procedimentos técnicos especializados para atendimento e proteção imediata às crianças e aos adolescentes vítimas de abuso ou exploração sexual. O Centro realiza também atendimento aos familiares. O atendimento busca proporcionar às crianças e adolescentes condições para o fortalecimento da autoestima, superação da situação de violação de direitos e reparação da violência vivida.

Em junho de 2012, é inaugurado o CREAS - Cidade Nova, que passa a atender um grande número de usuários, principalmente em função de sua localização e abrangência.

O Centro de Referência Especializado de Assistência Social – CREAS constituiu-se, em todo o Brasil, como uma unidade pública estatal de prestação de serviços especializados e continuados a indivíduos e famílias com seus direitos violados, promovendo a integração de esforços, recursos e meios para enfrentar a dispersão dos serviços e potencializar a ação para os seus usuários, envolvendo um conjunto de profissionais e processos de trabalhos orientados a ofertar apoio e acompanhamento individualizado especializado.

Nessa perspectiva, o CREAS surge, no campo do Sistema Único de Assistência Social - SUAS, para articular os serviços de média complexidade e operar a

referência, e a contra referência, com a rede de serviços socioassistenciais da proteção social básica¹⁰ e especial¹¹, com as demais políticas públicas e instituições que compõem o Sistema de Garantia de Direitos e Movimentos Sociais. Atualmente em 2018, Manaus já ampliou o número de CREAS. Um na zona centro-sul de Manaus, com sede no centro da cidade, situado na rua Leonardo Malcher, outro na zona norte de Manaus, na avenida Curió, Cidade Nova I. O CREAS da Zona Sul situado na avenida General Rodrigo Otávio, na Lagoa do Bairro Japiim, o CREAS da zona leste – PROUBRBIS¹², situado na rua Itaúba no bairro Jorge Teixeira; ambos inaugurados em junho de 2016, e o CREAS da zona centro-oeste inaugurado em julho de 2016, no Bairro da Alvorada I, na rua 4.

Essa ampliação recente dos equipamentos contribui para fortalecer a rede de atendimento que permanece em processo de ampliação contínua.

2.3 Instituição Casa Mamãe Margarida

A Casa Mamãe Margarida, de iniciativa de ações da igreja católica representa a principal casa de acolhimento a meninas e tem recebido muitos casos em situação de exploração sexual. A instituição recebe meninas de vários municípios do Amazonas.

Fundada em 4 de abril de 1986, pelas irmãs filhas de Maria Auxiliadora, nasceu com uma proposta educativa e formativa para trabalhar com adolescentes em situação de risco pessoal, através do protagonismo juvenil. A instituição é de caráter filantrópico, social, educacional e religioso, sem fins lucrativos, mantida através de convênios ou doações de benfeitores.

As meninas chegam à instituição trazidas pelo Conselho Tutelar, pelo Juizado da Infância e da Juventude, pelo CREAS, SAVVIS e por outros pontos da rede, inclusive outros municípios.

¹⁰Proteção Social Básica

Tem como objetivo prevenir situações de risco por meio do desenvolvimento de potencialidades e aquisições e o fortalecimento de vínculos familiares e comunitários. Destina-se à população que vive em situação de vulnerabilidade social decorrente da pobreza, privação (ausência de renda, precário ou nulo acesso aos serviços públicos, dentre outros) e/ou fragilização de vínculos afetivos - relacionais e de pertencimento social (discriminações etárias, étnicas, de gênero ou por deficiências, dentre outras). Brasil (2006)

¹¹Proteção Social Especial

É a modalidade de atendimento assistencial destinada a famílias e indivíduos que se encontram em situação de risco pessoal e social por ocorrência de abandono, maus tratos físicos e/ou psíquicos, abuso sexual, uso de substâncias psicoativas, cumprimento de medidas sócio-educativas, situação de rua, situação trabalho infantil, entre outras. Brasil (2006)

¹² Programa de desenvolvimento urbano e inclusão socioambiental de Manaus, vinculado à Secretaria Municipal de Infraestrutura – SEMINF, cujo objetivo é promover, de maneira sustentável, a melhoria da qualidade de vida da população residente em áreas de risco e de preservação ambiental. A primeira etapa do programa abrange as comunidades Bairro Novo, Arthur Virgílio, João Paulo e Jorge Teixeira III, todas inseridas no Bairro Jorge Teixeira, zona leste da cidade de Manaus.

As intervenções ocorrem através de acolhimento provisório com a inclusão das jovens na rede regular de ensino e casa conta com ensino profissionalizante. O restante do tempo livre é direcionado para atividades manuais e artísticas. As meninas também tem acesso a acompanhamento psicossocial individualizado e em grupo, além do atendimento médico convencional.

Nessa instituição, também é realizado um acompanhamento direto com as famílias das meninas para que as mesmas possam retornar para seu grupo de origem quando possível.

2.4 Programa Vira Vida - SESI

O programa Vira Vida foi implantado em Manaus em 2012 e busca uma articulação em pontos estratégicos da rede de proteção para captar adolescentes, inicialmente, no período de sua implantação o público era quase que exclusivamente de exploração sexual. A proposta desse projeto que se matem ativo até o período de elaboração desta tese é a inclusão social e acompanhamento desses adolescentes nas escolas de ensino regular e de atendimento relativo à saúde e cursos profissionalizantes com encaminhamentos para o mercado de trabalho. Dentre os profissionais que trabalham nesse programa, estão: administradores, pedagogos, psicólogos e assistentes sociais.

O recrutamento ocorre a partir de reuniões que os profissionais deste projeto realizam com instituições e comunidades que fazem o acompanhamento desses jovens na rede de proteção de crianças e adolescentes. Após essa etapa, eles passam por um processo seletivo, e de acordo com o número de vagas são admitidos para as atividades que envolvem uma série de cursos e aquisição de bolsa de aprendizagem. Essa é uma iniciativa do Conselho Nacional do SESI, e tem como ponto de partida a promoção e a elevação da escolaridade dos adolescentes tendo em vista o desenvolvimento do próprio potencial e o desenvolvimento de sua autonomia.

Os selecionados são encaminhados para participarem de um processo baseado em cursos profissionalizantes construídos a partir do alinhamento entre a demanda de cada mercado, o perfil e as expectativas desses adolescentes. Os cursos contemplam a necessidade de integração entre formação profissional, educação básica, noções de autogestão. O Programa é coordenado pelos Departamentos Regionais do Serviço Social da Industrial - SESI e realizado em parceria com instituições do

Sistema S, incluindo Serviço Nacional de aprendizagem social - SENAI, Serviço Social do Comércio - SESC, Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial - SENAC, Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas - SEBRAE, Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo – SESCOOP, Serviço Social do Transporte - SEST e o Serviço Nacional de Aprendizagem do Transporte - SENAT.

Durante a pesquisa foram identificados no Vira Vida o encaminhamento dos adolescentes para os mais diversos cursos: moda, imagem pessoal, turismo e hospitalidade, gastronomia, comunicação digital, administração e química. Os cursos variavam em sua carga horária entre 700 e 950 horas/aula, conforme a modalidade. Importa ressaltar que no momento este projeto passa por várias reformulações.

2.5 SAVVIS Moura Tapajós

O Serviço de Atendimento a Vítimas de Violência Sexual - SAVVIS da zona norte é um serviço implantado pela médica, ginecologista e obstetra, Zélia Campos e foi implantado em 2006. Teve o seu início na Maternidade Dr. Moura Tapajós, situada na zona oeste, na Avenida Brasil, Bairro da Compensa, unidade da Secretaria Municipal de Saúde da Prefeitura de Manaus - SEMSA, e foi utilizado como modelo para implantação de projetos semelhantes em outras cidades do Brasil. O serviço desenvolvido nessa unidade visa o fortalecimento de uma rede de atenção humanizada às vítimas de violência sexual e doméstica, tanto no âmbito Amazônico, quanto de outros estados nas regiões Norte e Nordeste do país. De 2006 a 2014, o serviço prestou atendimento a 4.392 vítimas de violência sexual. Esse serviço presta atendimento através de equipe multiprofissional (médico, enfermeiro, psicólogo e assistente social), com preparação especializada para esse tipo de atendimento. Os pacientes recebem atendimento prioritário e reservado, inclusive com leitos específicos em enfermaria específica nos casos de internação. Nos casos agudos (como são chamados àqueles ocorridos até menos de 72 horas antes do atendimento) os pacientes recebem os cuidados necessários para evitar doenças sexualmente transmissíveis, inclusive a HIV/AIDS e a gravidez indesejada, no caso das pacientes do sexo feminino, em idade fértil. Além do atendimento médico, ambulatorial e psicológico, o SAVVIS orienta e acompanha as vítimas para que o crime seja denunciado e devidamente registrado.

2.6 SAVVIS Instituto da Mulher Dona Lindu

O Serviço de Atendimento às Vítimas de Violência Sexual – SAVVIS, do Instituto da Mulher Dona Lindu, situado na Avenida Recife em Adrianópolis, zona centro-sul de Manaus, foi inaugurado em 16 de junho de 2010 e faz parte da Secretaria Estadual de Saúde do Amazonas - SUSAM. Seu funcionamento conta com uma estrutura que envolve sala de acolhimento e dois leitos exclusivos para pacientes do SAVVIS, dentro das atividades do Instituto da Mulher.

A princípio a proposta do SAVVIS no Instituto da Mulher Dona Lindu era o de acolhimento emergencial dos casos agudos e crônicos de violência sexual, para intervenção e profilaxia de prevenção, com encaminhamento dos mesmos, para a continuidade do atendimento ambulatorial na Maternidade Moura Tapajós. Porém, a partir de 2014, o atendimento ambulatorial passa também a funcionar nesse instituto. Atualmente, o serviço conta com enfermeiras, médico ginecologista e obstetra, psicólogas, assistentes sociais plantonistas, enfermeiros e médicos plantonistas, técnicos de enfermagem, farmacêuticos e bioquímicos. Esse instituto também é a referencia na cidade de Manaus para o atendimento de todos os casos de aborto previsto em lei. Importa ressaltar que a Secretaria Estadual de Saúde do Amazonas - SUSAM implantou em 2016, mais um SAVVIS na Maternidade Ana Braga, localizada na Zona leste de Manaus.

2.7 SAVVIS - Policlínica Antônio Reis

O Serviço de Atendimento a Vítimas de Violência Sexual fica situado no Bairro São Lázaro na Zona Sul de Manaus. Foi implantado na Policlínica Antônio Reis, através do apoio da Secretaria Municipal de Saúde - SEMSA, sua implantação ocorreu no dia 1 de novembro de 2012.

O atendimento a crianças e adolescentes nesse serviço funciona até a presente data, com trabalho articulado em rede, através de atendimento ambulatorial, prioritariamente a casos crônicos de violência sexual, quando ocorrido após o período de 72 horas. Trabalha, também, com propostas de encaminhamentos e compartilhamentos de casos com outros equipamentos da rede.

Na admissão de crianças, adolescentes, homens e mulheres a esse serviço, são oferecidos exames e testes rápidos para sífilis, HIV, Hepatite B e C, além de acolhimento, aconselhamento, atendimento psicológico, atendimento médico (em várias

especialidades). O serviço conta com profissionais de área de psicologia, enfermagem, farmácia e serviço social.

Em caso de constatação de sífilis e condiloma, quando possível, a medicação e o tratamento são administrados nas dependências da unidade, através de agendamento. Quando o caso é complexo (exige procedimentos como cirurgia, em caso de condiloma, por exemplo) é encaminhado para os demais locais na rede do SUS. Em casos de HIV confirmado o paciente recebe acompanhamento dessa mesma equipe de saúde da Policlínica através do SAE – Serviço de Atendimento Especializado que atende pacientes com HIV e outras doenças sexualmente transmissíveis. Em caso de HIV reagente ou positivo confirmado em outras unidades de saúde ou na própria policlínica esses jovens recebem atendimento e medicação ininterruptamente, na policlínica, ou em outras unidades da rede de saúde.

Além dos procedimentos em saúde, os atendimentos envolvem ações de participação juvenil, projeto de vida e prevenção, com a efetivação de vários projetos de enfrentamento à violência sexual de crianças e adolescentes com os usuários, escolas e comunidades das adjacências da Policlínica Antônio Reis. Importa ressaltar, que o amadurecimento e conclusões desta pesquisa se efetivaram principalmente com as experiências realizadas nesse ponto da rede.

3. Mapas da rede de proteção configuração inicial x Configuração atual

Os dois mapas iniciais que aparecem neste estudo têm o intuito de situar o (a) leitor(a) em relação aos equipamentos de atendimento a casos de violência sexual na cidade de Manaus. É importante que o (a) leitor(a) identifique que aqui aparecem descritos outros equipamentos da rede de proteção, para dar uma noção sobre como as famílias são atendidas após a primeira denúncia efetivada inicialmente nas escolas, centros de saúde, conselhos tutelares e demais pontos da rede.

Optei nesta pesquisa por focar mais detalhadamente apenas nos equipamentos descritos acima, que possuem um maior número de casos em atendimento psicossocial e de saúde. Porém, faz-se importante situar um mapa que demonstre outros serviços de apoio nos serviços das políticas públicas SUS e SUAS e também nos serviços de apoio prestados pela sociedade civil.

O mapa a seguir (mapa 1) apresenta a localização dos primeiros equipamentos da Rede de Proteção a partir de 2000. Estes serviços iniciam os primeiros trabalhos de atendimento nessa área. O Serviço de Atendimento a Vítimas de Abuso Sexual – SAVAS¹³, localizado na zona leste; o Serviço de Atendimento a Vítimas de Violência Sexual - SAVVIS Mouras Tapajós, localizado na zona oeste, o Centro de Referência Especializado de Assistência Social – Centro Sul, inicialmente Programa Sentinela, localizado no Bairro Nossa Senhora das Graças e a Casa Mamãe Margarida, localizada na zona leste de Manaus. Estes equipamentos iniciam os primeiros passos na lógica do atendimento em rede na cidade. Importa ressaltar que o SAVVAS foi desativado. Os demais serviços continuam em funcionamento.

Mapa1



Mapa elaborado a partir de pesquisa de campo

O mapa a seguir (mapa 2), mostra a configuração atual da rede em 2016. Busca localizar o (a) leitor(a) sobre como os pontos da rede de proteção estão distribuídos geograficamente na cidade para que os mesmos possam também identificar, posteriormente, nos capítulos 3 e 5, os pontos de exploração e visualize a lógica de

¹³Breve histórico e descrição do SAVAS ver página 121.

funcionamento destas redes também por uma lógica geográfica de proximidade ou distância física, simbólica e virtual. Os CREAS Centro Sul e zona Norte foram os primeiros serviços na área do Sistema Único de Assistência Social - SUAS. Em 2016 surgem os demais: CREAS Zona Leste, CREAS Zona Sul e CREAS Centro Oeste.

O SAVAS Francisca Mendes, na zona leste e o SAVVIS Moura Tapajós, na zona oeste, caracterizam-se como os primeiros serviços. Posteriormente surgem o SAVVIS na Policlínica Antônio Reis, na Zona Sul em 2012, o SAVVIS Dona Lindu em 2013 e o SAVVIS Ana Braga em 2016. O Serviço de Acolhimento Institucional de Crianças e Adolescentes – SAICA, da Secretaria de Assistência Social e Direitos Humanos – SEMASDH, caracteriza-se como serviço de acolhimento de 72 horas para situações de violência sexual, como o abuso e a exploração sexual, e sempre apoia as atividades de busca ativa nas ruas. A busca ativa descrita na introdução deste capítulo foi realizada com o apoio deste serviço.

A casa Mamãe Margarida distinguir-se como um abrigo mais permanente, o Vira Vida, é um projeto de preparação para o mercado de trabalho, o Núcleo Luísa Habgzang- Arquidiocese, é um serviço de atendimento psicológico a vítimas de violência sexual; estes últimos são serviços de iniciativa da sociedade civil mas que possuem importante contribuição no processo de atendimento. A Delegacia da Criança e do Adolescente, também aparece neste mapa por sua articulação realizada com os SAVVIS e CREAS, como apoio legal em muitos casos de denúncia da violência sexual.

Mapa 2



Mapa elaborado pela autora do artigo a partir de pesquisa de campo

4. Bases teóricas iniciais e metodologia da pesquisa

Apesar de minha atuação no trabalho com a violência sexual na rede de proteção, ressalvo que não pretendo situá-lo exclusivamente no campo que envolve a violência em oposições rígidas, tais como: vítima/agressor, agência/opressão, aliciador/aliciado. Não pretendo esgotar os temas que envolvem a situação de exploração sexual, também não pretendo levantar a bandeira da defesa dos direitos da criança e do adolescente como militante conflagrada, nem contribuir com a emergência de pânico morais e comportamentos paranoicos e/ou persecutórios, no qual qualquer contato de adulto com criança apresenta conotação sexual, muito menos de me mostrar neutra a essa realidade, pois minha trajetória de vida não permite tal ato. Tentarei explicar o assunto flexibilizando essas fronteiras realizando uma etnografia conduzida pelo campo.

O que é fazer etnografia? [...] Acho que essas fronteiras são muito elásticas. E que uma maneira honesta de falar... é sempre de dizer: é através da minha trajetória, do meu tipo, estilo pessoal, tendências estéticas, engajamentos políticos e competências teórico-analíticas. E a partir desse caldeirão né? A gente faz um determinado tipo de etnografia...mas não deve ser vendida nunca como uma receita de bolo, porque não tem? (FONSECA, TV ABA, 2016)

Como bases teóricas para reflexões iniciais desta pesquisa de campo utilizei alguns autores que desenvolveram trabalhos dentro da Antropologia e da Sociologia.

Tendo como base a experiência de Wiggers (2000) em sua dissertação de mestrado intitulada “Família em conflito: violência, espaço doméstico e categorias de parentesco em grupos populares de Florianópolis”, a antropóloga destaca uma importante contribuição sobre esses deslocamentos e, sobretudo, do eixo vítima/agressor, do qual essa tese pretende se distanciar para possibilitar ao(a) leitor(a) reflexões diferentes sobre o fenômeno que envolve esse eixo.

O principal deles é a ampliação do quadro de protagonistas envolvidos nas situações de conflitos domésticos, demonstrando a necessidade de se deslocar a análise do eixo vítima/ agressor, geralmente privilegiado nos estudos de violência doméstica ou violência contra a mulher. No exercício de deslocamento do eixo vítima/ agressor a violência deixa de ser uma via de mão única em que vítimas e agressores têm perfis pré-definidos e passa a ser uma questão que diz respeito também aos parentes. (WIGGERS, 2000, p.1)

Dessa forma, pretendo caminhar entre as frestas, fronteiras e interstícios que esses comportamentos criam na representação que as pessoas possuem dessa realidade. Para isso, foi preciso me situar como psicóloga e buscar outras áreas de conhecimento para modificar meu olhar diante de um tema tão complexo, do qual é muito difícil dar conta de maneira irrestrita. Além disso, e de minha trajetória, outras experiências foram significativas e definiram minha incursão como pesquisadora no campo da antropologia.

Tive muitos contatos com jovens em situação de exploração sexual nos Centros de atendimento onde eu trabalhava, o meu contato com famílias, crianças e adolescentes em situação de violência sexual modificou e amadureceu meu olhar sobre esta realidade. Estas experiências me fizeram deparar com realidades muito distantes, que me levaram a relativizar muitas questões, que até então, pareciam claras e definidas no campo da Psicologia. Nesse momento, tive contato com várias formas de enfrentamento da vida cotidiana, que me mostraram outros padrões de valores e possibilidades de enfrentamento inéditas e surpreendentes. Algumas dessas experiências estavam não somente ligadas a situações dramáticas, mas, sobretudo, a violências que em alguns momentos pareciam não ter palavras que as representassem e as descrevessem, tornando alguns atos praticados por algumas pessoas como inacreditáveis

ou difíceis de descrever como atos humanos, na gramática cotidiana. Essas questões me aproximaram das leituras da antropologia e da filosofia.

A antropóloga Veena Das (2007), ao falar do rapto e a violação de mulheres durante a Partição em Estados da Índia e do Paquistão, mostra como a sociedade adota normas que relacionam a castidade da mulher à dignidade da nação. A autora trata como o corpo da mulher se transformou num signo de comunicação entre homens, através da violenta linguagem da masculinidade, mas, também, da forma de enfrentamento dessas mulheres. As mulheres violadas pelos raptadores eram assassinadas ou "honradas" através do suicídio, que era considerado digno no imaginário daquela sociedade.

Através do conceito de "formas de vida", de Wittgenstein, a autora examina como a violência expõe os limites dos critérios de vida e se apresenta como fracasso da gramática cultural no estabelecimento e interpretação de formas de vida.

Na concepção de Veena Das (2007), muitos trabalhos recentes, acerca da violência, sugerem que quando se contempla a violência atinge-se uma espécie de limite da capacidade de representar. “Em geral apresentados sob o signo do “horror”, eles nos fazem pensar como seres humanos podem ter sido incapazes de atos tão hediondos...” (VEENA DAS, 1999 p.1).

Foucault (2002), nos apresenta algo similar com a noção de monstrosidade, que não se restringe ao domínio do proibido ou do contra a lei, mas do ininteligível ou do contra a natureza, combinando, o impossível, o proibido e o inimaginável.

Para Veena Das (2007), a violência nesses eventos críticos, surge como algo esporádico e fortuito, que se irrompe aqui ou acolá e não desce ao cotidiano. O trabalho diário na lida contra a violência é obnubilado em favor de certo tipo de violência accidental e de certo tipo heroico de resistência. Desloca-se para o cotidiano de outra forma, através do silêncio, do não dito, e de metáforas, que são mais fáceis de nomear e de lidar frente às normas e pressões dos contextos sociais, transformando-se em maneiras diferentes de enfrentar a realidade. Essas situações ocorrem frequentemente com as jovens de exploração sexual, que também se utilizam de certas metáforas, e não ditos, para não ocuparem constantemente o lugar de vítimas.

Lasmar (2005), em sua pesquisa realizada em São Gabriel da Cachoeira, traz discussões de gênero sobre como emanam discursos de orgulho e hostilidade, que se apresentam no contexto das festas, da comunidade pesquisada por ela. A violência

não foi o seu foco, mas as experiências, destacadas em seu trabalho auxiliaram em reflexões sobre o tema direcionando os caminhos para a realização da pesquisa que hora se apresenta.

Através da ingestão do caxiri, que é uma bebida alcoólica fermentada de uso ritual, utilizada nas ocasiões de encontros entre os grupos, a autora destaca o papel das mulheres, pois são elas que preparam a bebida para ocasião, e é nas festas, através de comportamentos hostis, que a moralidade indígena aparece:

Homens e mulheres tornam-se mais expansivos em noite de festa, numa inversão bastante visível do padrão de moderação que regula o comportamento cotidiano. Mas nem tudo são flores em uma festa de *caxiri*: a mesma comoção que faz ecoar em bom som o orgulho das mulheres que têm, pode extravasar ressentimento há muito recônditos, ou transformá-los em fantasias de desrespeito e traição. Cada caxiri é uma reedição de conflitos eclipsados cotidianamente pelo ideal e restrição. Cada festa fornece novo contexto para catarse emocional: “the drink party roils up feelings to the point where what has been latent erupts forcefully into the open”. Na euforia de uma festa, todos embriagados, rugas de ciúme entre marido e mulher para a troca de denúncias e violências físicas. Contendas entre parentes ou afins se desenvolvem com base em acusações de vários tipos: adultério, sovinice e outras formas de comportamento social inadequado. Hoje, importantes fontes de conflito familiar são o alcoolismo de jovens e adultos e a atividade sexual das moças. As mães solteiras costumam ser vítimas de hostilidades durante as festas, em geral por parte de suas próprias famílias. (LASMAR, 2005, p.82)

Estas pesquisas mostram diversos olhares e me estimularam a pensar o papel da rede de proteção e da rede de exploração, me fizeram visualizar que as burocracia da rede de proteção dificultavam e dificultam uma aproximação mais efetiva com as jovens em situação de exploração sexual que entram muito mais facilmente na rede de exploração conforme já demonstrado anteriormente nos fluxos de ambas as redes. A etnografia também me aproximou da realidade das jovens se demonstrou como um método extremamente rico e flexível que permitiu várias possibilidades de incursão em campo para reconhecer uma realidade que eu já conhecia com outras lentes como psicóloga dos serviços de atendimento.

Conclusão

A partir dos primeiros contatos com a rede de proteção e a rede de exploração no papel de pesquisadora, do exercício de leituras em outros campos de conhecimento (antropologia, sociologia, filosofia e história) foi possível relativizar no campo da psicologia, alguns de meus conhecimentos para tentar me aproximar de uma forma diferente, não pelo meu ponto de vista, mas pelo ponto de vista das jovens pesquisadas. Tentei sair do lugar de técnica da rede de proteção e ocupar outros lugares, com outros discursos mais aproximados da realidade das adolescentes, do que de meu discurso de psicóloga atuando nessa rede. Estes fatos trouxeram a necessidade de modificar minha perspectiva, e tenho feito esse exercício buscando interpretações mais próximas da realidade destas famílias, crianças e adolescentes.

A partir de então, percebi como a tarefa de observar, conhecer, estudar, indagar, investigar, é importante na busca por uma aproximação com a realidade que se deseja entender.

Tenho realizado muitas ações na rede de proteção, em projetos de extensão pela Universidade Federal do Amazonas, envolvendo atendimento psicológico, prevenção e mobilização. Ações que envolvem, sobretudo, escolas, universidades e comunidades. Nestas atividades busca-se demonstrar como os espaços da rede de proteção podem se aproximar das jovens com estratégias de participação em ações de prevenção e mobilização.

O mapeamento e conhecimento das formas de funcionamento da rede de proteção de crianças e adolescentes em situação de exploração sexual também permite o desenvolvimento de novas estratégias que torna mais visível suas limitações e fragilidades, bem como, seu potencial.

Surgem também no decorrer dos trabalhos, ações na rede de proteção com estudos e acompanhamento de casos que envolvem essa mesma lógica. Portanto o conhecimento do funcionamento destas duas redes na cidade de Manaus proporcionou o amadurecimento de possibilidades que possam contribuir com o aprimoramento de políticas públicas nesta área.

Referências

- Das weiße Band - Eine deutsche Kindergeschichte. Dir.: Michael Haneke. Prod.: Alemanha – Áustria – França – Itália, X-Filme Creative Pool - WegaFilm – Les Films Du Losange - Lucky Red, 2009.
- DAS, Veena. (1995), **Critical Events: An Anthropological Perspective on Contemporary India**. Nova York, Oxford University Press.
- LASMAR, Cristiane. **De volta ao Lago do Leite: Gênero e transformação no Alto Rio Negro**. São Paulo: UNESP/ISA; Rio de Janeiro: NUTI, 2005.
- FONSECA, Claudia: Etnografia [2016]. Entrevistadores: Cristhian Cajé Câmera e audio: Veronica Mackoviak Edição: Andreia Aparecida. Santa Catarina: TV ABA, 2016.
- FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1987.
- _____. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1999.
- _____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal. 1985.
- _____. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 5. ed. Petrópolis: Vozes. 1987.
- _____. **História da loucura na Idade Clássica**. Tradução de José Teixeira Coelho Netto. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- WIGGERS, Raquel. **Família em conflito: violência, espaço doméstico e categorias de parentesco em grupos populares de Florianópolis**. Dissertação apresentada no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2000.

Recebido 5/8/2018.

Aceito: 5/11/2018.

Sobre autora e contato:

Consuelena Lopes Leitão. Professora Doutora integrante do Laboratório de desenvolvimento Humano e Educação da FAPSI/UFAM.

E-Mail: consuelena@gmail.com